



INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA NAS CIÊNCIAS HUMANAS

**Gabriella Rossetti Ferreira
(Organizadora)**

Gabriella Rossetti Ferreira

(Organizadora)

Investigação Científica nas Ciências Humanas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
162	Investigação científica nas ciências humanas [recurso eletrônico] / Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Investigação Científica nas Ciências Humanas; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-391-0 DOI 10.22533/at.ed.910191806 1. Ciências humanas. 2. Investigação científica. 3. Pesquisa social. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II.Série. CDD 300.72
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Investigação Científica nas Ciências Humanas - Parte 1” traz diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo das ciências humanas.

O papel da investigação científica é amplamente debatido em todos os países desenvolvidos e conseqüentemente, faz parte de todas as agendas políticas. Assumamos, pois, a importância da investigação científica que levamos a cabo pela pertinência dos estudos desenvolvidos face à de outros, e pelo impacto dos resultados junto da comunidade científica.

No caso da investigação científica em educação, é muito acentuada a relação entre investigação e política ou, se assim se quiser pensar, a dimensão política da investigação. Com efeito, a escolha dos temas reflete as preocupações dos investigadores, seja no aprofundamento de referenciais teóricos, seja na compreensão de problemas educativos e formas de os resolver.

É possível afirmar que sem pesquisa não há ensino. A ausência de pesquisa degrada o ensino a patamares típicos da reprodução imitativa. Entretanto, isto não pode levar ao extremo oposto, do professor que se quer apenas pesquisador, isolando-se no espaço da produção científica. Por vezes, há professores que se afastam do ensino, por estratégia, ou seja, porque do contrário não há tempo para pesquisa. Outros, porém, induzem à formação de uma casta, que passa a ver no ensino algo secundário e menor. Se a pesquisa é a razão do ensino, vale o reverso: o ensino é a razão da pesquisa, se não quisermos alimentar a ciência como prepotência a serviço de interesses particulares. Transmitir conhecimento deve fazer parte do mesmo ato de pesquisa, seja sob a ótica de dar aulas, seja como socialização do saber, seja como divulgação socialmente relevante. (DEMO, 2001)

Para que se tenha um progresso na qualidade do ensino nos seus diversos níveis é necessário que a pesquisa exerça o papel principal dentro e fora de sala de aula, e que apresente um elo para com a prática pedagógica do docente, promovendo uma formação crítica e reflexiva.

Gabriella Rossetti Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NOS DOCUMENTOS OFICIAIS BRASILEIROS SOB ANÁLISE: PENSANDO AURORAS POSSÍVEIS	
Lorena Santos da Silva Paula Côrrea Henning	
DOI 10.22533/at.ed.9101918061	
CAPÍTULO 2	11
A EXPERIÊNCIA DE SER CRIANÇA EM WALTER BENJAMIN	
Eduarda Aleycha Luciano Santana Paula Ramos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9101918062	
CAPÍTULO 3	23
A GEOPOLÍTICA DOS ESTADOS UNIDOS NA “DOCTRINA TRUMP” E A ORDENAÇÃO MUNDIAL	
Matheus Seiji Bon im Takiuchi	
DOI 10.22533/at.ed.9101918063	
CAPÍTULO 4	35
A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM	
Paula Scherer Mariela Camargo Masutti	
DOI 10.22533/at.ed.9101918064	
CAPÍTULO 5	46
SEXUALIDADE E SUAS ARTICUÇÕES NO ESPAÇO DE ENSINO APRENDIZAGEM, A PARTIR DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS	
Gabriella Rossetti Ferreira Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.9101918065	
CAPÍTULO 6	61
A INFLUÊNCIA DO ESPAÇO CÊNICO NA CENA SHAKESPEARIANA: IMPASSES DA MONTAGEM DO HAMLET DO TEATRO DE ARTE DE MOSCOU	
Edilaine Dias	
DOI 10.22533/at.ed.9101918066	
CAPÍTULO 7	73
A OBRA SPACCIO DE LA BESTIA TRIONFANTE: COMO REFLEXO DA CRISE RELIGIOSA ENTRE REFORMADOS E CATÓLICOS NO SÉCULO XVI	
Raimundo Pedro Justino de Orlanda Ideusa Celestino Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.9101918067	
CAPÍTULO 8	85
A PARADIPLOMANIA NUM MUNDO EM TRANSFORMAÇÕES	
Lucas Lima Da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.9101918068	

CAPÍTULO 9	98
ACESSIBILIDADE ARQUITETÔNICA: UM ESTUDO SOBRE ESCOLAS ESTADUAIS	
Letícia Prevideli Scarabello Vera Lucia Messias Fialho Capellini	
DOI 10.22533/at.ed.9101918069	
CAPÍTULO 10	107
APRENDENDO MATEMÁTICA ATRAVÉS DE RECURSOS LÚDICOS: UM ESTUDO VOLTADO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	
Andressa Nunes Martins	
DOI 10.22533/at.ed.91019180610	
CAPÍTULO 11	116
AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO USO DE DROGAS EM MULHERES QUE CONVIVEM COM DEPENDENTES DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS	
Ana Maria Kuse Cassandra Borges Bortolon	
DOI 10.22533/at.ed.91019180611	
CAPÍTULO 12	130
ATIVIDADE EXTRATIVISTA MADEIREIRA E URBANIZAÇÃO NO EXTREMO SUL DA BAHIA (1948-1972)	
Luísa Dias Silva Márcio Soares Santos	
DOI 10.22533/at.ed.91019180612	
CAPÍTULO 13	139
COMPREENSÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO POR ATORES DO TURISMO: ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DA UNESP – CAMPUS DE ROSANA	
Guilherme Henrique Barros de Souza Elisama de Souza Franco Leticia Sabo Boschi	
DOI 10.22533/at.ed.91019180613	
CAPÍTULO 14	151
CRIATIVIDADE: CAMINHOS, DESVIOS E RETOMADA	
Maria Luiza Ramos Tonussi Eliane Patricia Grandini Serrano	
DOI 10.22533/at.ed.91019180614	
CAPÍTULO 15	163
DESPERTANDO UM OLHAR GEOGRÁFICO E AMBIENTAL NOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA E.E. JOSEPHA CUBAS DA SILVA SOBRE A CANALIZAÇÃO DOS CORPOS HÍDRICOS	
Fábio César Martins Thiago José de Oliveira Márcia Cristina de Oliveira Mello	
DOI 10.22533/at.ed.91019180615	

CAPÍTULO 16	175
DOM VITAL E A QUESTÃO RELIGIOSA NO SEGUNDO REINADO	
Rodrigo Dantas de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.91019180616	
CAPÍTULO 17	194
EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DA BICA DO IPU, CEARÁ: DESAFIOS PARA A BUSCA DE SUSTENTABILIDADE	
Francisca Lusimara Sousa Lopes	
Vanda Claudino Sales	
DOI 10.22533/at.ed.91019180617	
CAPÍTULO 18	198
EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA AOS TRABALHADORES DO PROJETO PROFISSÃO CATADOR DA UNICRUZ: ORGANIZANDO SABERES PARA O EXERCÍCIO DA CIDADANIA	
Ieda Márcia Donati Linck	
Esther Teixeira Carvalho	
Ane Elise de Souza Fiuza	
DOI 10.22533/at.ed.91019180618	
CAPÍTULO 19	211
EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO ATRAVÉS DO MODELO DE NEGÓCIO CANVAS	
Cláudia Rafaela Schneiders	
Roberto Schuster Ajala	
Luciana Scherer	
Lucas Ivan Grimm	
DOI 10.22533/at.ed.91019180619	
CAPÍTULO 20	227
ESCOLA SEM PARTIDO: LUTA IDEOLÓGICA NO ESPAÇO ESCOLAR	
Eduardo Danilo Ribeiro dos Santos	
Aparecida Maria Almeida Barros	
DOI 10.22533/at.ed.91019180620	
SOBRE A ORGANIZADORA	237

COMPREENSÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO POR ATORES DO TURISMO: ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DA UNESP – CAMPUS DE ROSANA

Guilherme Henrique Barros de Souza

Unesp – Campus de Rosana
Rosana - SP

Elisama de Souza Franco

Unesp – Campus de Rosana
Rosana - SP

Leticia Sabo Boschi

Unesp – Campus de Rosana
Rosana - SP

RESUMO: Este trabalho teve por objetivo analisar através de mapas construídos por estudantes a relação deles com o espaço vivido. A metodologia utilizada para atingir o objetivo foi a análise de mapas mentais construídos a partir do caminho percorrido pelos estudantes de suas casas até a Unesp. Os resultados preliminares indicam que os alunos se atêm mais aos detalhes quando iniciam o curso do que quando já estão há algum tempo vivendo na cidade, porém tem bom senso de orientação espacial, destacando os elementos realmente relevantes para o traçado cotidiano dos estudantes. Tais elementos são importantes para que o turismólogo possa contribuir de maneira significativa na elaboração de mapas e roteiros turísticos no futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Mapas Mentais; Simbolos Pictóricos; Cartografia turística; Cognição

ABSTRACT: This work had as objective to analyze through maps constructed by students the relation of them with the space lived. The methodology used to reach the objective was the analysis of mental maps constructed from the path traveled by students from their homes to Unesp. Preliminary results indicate that students are more attentive to details when they start the course than when they have been living in the city for some time, but they have a better spatial orientation, highlighting the elements that are really relevant to students' daily routines. Such elements are important so that the tourist planner can contribute in a significant way in the elaboration of maps and tourist itineraries in the future.

KEYWORDS: Mental Maps, Pictoric Symbols, Touristic Cartography, Cognition.

1 | INTRODUÇÃO

A necessidade de localização no espaço acompanha a humanidade desde os primórdios dos tempos com os povos primitivos, que, apesar de não dispor da escrita textual, tinham a preocupação de se localizar no espaço que habitavam e de representar os lugares de acordo com os símbolos que aquele espaço representava para o autor do traçado do mapa.

Uma imagem ao ser construída ou interpretada passa por diferentes filtros, intrinsecamente relacionados a subjetividade do indivíduo, que estabelece sua conexão com o mundo de acordo com sua visão. Segundo Kozel (2005):

“o termo “representação” é definido como o processo pelo qual são produzidas formas concretas ou idealizadas, dotadas de particularidades que podem também se referir a um outro objeto, fenômeno relevante ou realidade e o termo “imagem” refere-se a uma forma de representação explícita por uma pessoa ou grupo sobre um determinado fenômeno; tratando-se, portanto, de uma categoria particular e singular advinda da representação do “real visível” ou do vivido”.

Tuan (2012) afirma que a percepção do indivíduo é “influenciada pelos valores culturais, emocionais e condições da sobrevivência biológica imbuída pelos fatores externos”. Ainda segundo Kozel (2007):

A linguagem como uma semantização que os sujeitos fazem de seu espaço vivido ou uma modalidade privilegiada de representação. Essa linguagem é referendada por signos que são construções sociais.

É nessa perspectiva que entendemos os mapas mentais: uma forma de linguagem que reflete o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais. (KOZEL, 2007)

A partir da compreensão dessa cultura geográfica sobre o espaço é possível planejar, otimizar, ajustar e gerir de forma mais qualificada o espaço utilizado pelo turismo, o que proporciona aos setores públicos e privados um olhar ampliado sobre a atividade, uma vez que através da análise dos mapas mentais há a possibilidade de serem encontrados novos atrativos que, diante do olhar do turismólogo, possam passar despercebidos, mas é ressaltado como importante pelos moradores e turistas.

A melhor maneira de representar esses aspectos é pela utilização de mapas mentais que permitem enxergar as inúmeras formas de percepção do espaço, pois segundo Magalhães Filho (2013) “cada ser humano possui um conjunto de experiências individualizado, apesar de existir valores e crenças coletivas”, ou seja, ao aplicar a técnica de mapas mentais são obtidos não somente imagens físicas, mas também símbolos relacionados a memória do autor do mapa.

Diante desta perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo analisar a percepção do espaço geográfico cultural de Primavera através da aplicação da técnica de mapas mentais em estudantes de turismo, turistas e a comunidade local, e análise dos mesmos.

2 | MAPAS MENTAIS

Os mapas mentais são representações do vivido, são os mapas que trocamos ao longo de nossa história com os lugares experienciados. Nogueira (2002), menciona o trabalho dos geógrafos Yves André e Antoine Bailly, onde a técnica de mapas mentais

representa o real e são elaborados por um processo que relaciona percepções próprias visuais, audiovisuais, olfativas, lembranças, coisas conscientes ou inconscientes.

Petchenick (1995), sustentado nas teorias do Livro de Rudolf Arnheim, *Art and Visual Perception*, afirma que “toda percepção é também pensamento, toda razão é também invenção”. Também evidencia que apesar do avanço das ciências, ainda não existe uma teoria completa para a interpretação da leitura de mapas.

De acordo com Petchenick (1995), o termo mapa mental é muito abrangente, soa como se fosse respaldado na soma total de todo conhecimento do espaço que qualquer indivíduo carrega consigo na forma de conhecimento oculto e imagens espaciais potenciais. Existem etapas por onde ocorre o processo de desenvolvimento mental, em função das experiências e do meio onde o indivíduo adquire informações que refletem diretamente na percepção. Ele ainda afirma que:

[...] observa-se que os mapas mentais são desenvolvidos nos indivíduos, segundo as etapas de desenvolvimento mental do homem. Quanto à interpretação dos mapas, sugerem considerar alguns critérios como, por exemplo, faixa etária, diferenças sociais, herança biológica, cultural e educação, pois estes elementos constroem diferentes percepções do espaço. Petchenick (1995).

Peterson (1995, p.10), cita que o termo é usado para descrever “uma representação interna que é similar ao mapa, mas tem origem da memória”. As pesquisas em cognição em Cartografia precisam considerar o projeto do mapa e o seu uso, como resultado dos processos mentais humanos para o entendimento da construção do conhecimento espacial. O objetivo é o entendimento da percepção e cognição humana, e os trabalhos desvinculam a passagem do que se vê para como se vê, limitando-se apenas aos aspectos de detecção, discriminação e reconhecimento.

Ou seja, como graficamente as informações contidas nos mapas refletem as imagens dessa locomoção, com o intuito de aquisição de conhecimento e como e compreende o fenômeno com o uso do mapa. A ligação dessas partes é a visualização, e MacEachren e Ganter (1990) a definem como “uma ação de cognição, uma habilidade humana de desenvolver representações mentais que nos permite identificar padrões e criar ordem”.

O mapa é uma forma de apresentar uma realidade, um fato e traz consigo informações que são constituídas por traços culturais e intencionais do indivíduo, que o elabora e o faz por meio de signos.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para avaliar a percepção do espaço dos discentes do curso de turismo da Unesp Campus de Rosana, foi proposto a elaboração de um mapa mental, tendo como ponto inicial a sua moradia, traçando o percurso realizado até a Universidade, esta atividade foi realizada com um total de 81 alunos. Houve uma segmentação do grupo de alunos

contemplando-os em dois momentos: na sua recém-chegada a cidade de Primavera e um outro momento já passado seis meses de contato com a cidade. Diante dos resultados apresentados nos mapas mentais, foram tabulados os dados dos dois grupos a fim de verificar a variação da percepção de elementos cognitivos do discente em seu trajeto a faculdade de acordo com o tempo de contato com o espaço habitado.

A tabela a seguir apresenta os elementos percebidos pelos discentes nos dois momentos distintos. O primeiro momento representa o contato inicial do aluno com a cidade e o segundo momento retrata a percepção do aluno em relação ao espaço após o período de seis meses.

Esboço feito no momento de ingresso no Campus		Esboço feito após 6 meses de estada	
Ponto	Frequência	Ponto	Frequência
Unesp	31	Unesp	39
Av. Barrageiros	28	Av. Barrageiros	33
Eucaliptos	12	Bicicletaria	13
Bicicletaria	10	Eucaliptos	13
Posto do Paulão	9	Hospital	7
Hospital	7	Escola norte	6
Hora extra	7	Hora extra	6
Rotatória	5	Reserva florestal	6
AAL	4	Hotel Leão	5
Crismar	4	Posto do Paulão	4
Reserva florestal	4	República	4
Igreja	3	Crismar	4
Locadora	3	Igreja	2
Rodoviária	3	Velório	2
Escola Norte	2	Topa Tudo	2
Hotel do leão	2	Maçonaria	2
Velório	2	Rotatória	2
Academia	1	Biblioteca	1
Biblioteca	1	Comércio	1
Bombeiros	1	Creche	1
CNA	1	EE Porto Primavera	1
Creche	1	Elektro	1
EE Porto Primavera	1	Estádio	1

Tabela 1 - Frequência dos pontos de referência elencados no Mapa

Através da análise dos elementos tabulados, compreende-se que a percepção de símbolos mentais ou pontos de referências aparecem em grande escala nos mapas mentais dos discentes recém-chegados ao campus, uma vez que seu contato inicial com a cidade requer um olhar atento para se localizar no novo espaço habitado,

porém falta a noção de coerência no traçado das ruas. Já analisando os elementos elencados pelos discentes após seis meses de moradia, percebe-se a diminuição dos elementos citados. Entretanto, apesar do número de elementos elencados no segundo momento tornarem-se escassos, o traçado das ruas e quadras nos mapas tornam-se aprimorados, tendo em sua representação mais fidelidade aos seus contornos e apresentando como forma de localização os seus respectivos nomes e quadras.

Tendo um olhar de avaliação sobre os elementos apresentados na tabela, podemos elencar como principal a Avenida dos Barrageiros. Sua percepção é frequente em ambos os momentos, pois além de ser a principal avenida da cidade, nela está localizada a Universidade em questão estudada. Como outro elemento notório pelos discentes e mais apresentado pode-se citar a bicicletaria, uma vez que a mesma se localiza próxima a Universidade e na mesma avenida dos Barrageiros, além de que o meio de locomoção mais comum entre os discentes é através de bicicletas. Outro ponto em comum em ambos os momentos é o “Hora Extra” (atualmente Vila Bar), um local onde os alunos costumam se reunir após o horário letivo para se socializar ou até mesmo realizar suas refeições. Seu número de representação é o mesmo em ambos os momentos. Por fim, um outro elemento a se destacar são os Eucaliptos da pista de cooper que aparecem em grande quantidade já que sua ocupação no espaço territorial da cidade é relativamente significativa e atrai a atenção tanto dos turistas, como dos discentes recém chegados e os que já se habituaram a realizar qualquer tipo de atividade de lazer próximo aos mesmos.

Dentre os 81 mapas mentais elaborados pelos discentes, foram escolhidos 5 mapas para a comparação de elementos, percepção do espaço e sua dimensão e a coerência nos traçados das ruas e quadras.

Neste primeiro mapa, chamado aqui Caso 1, é interessante ressaltar a quantidade de quadras e ruas elencadas pelo discente, entretanto, analisando a percepção do mesmo e a realidade, conclui-se que o traçado não condiz com o real.

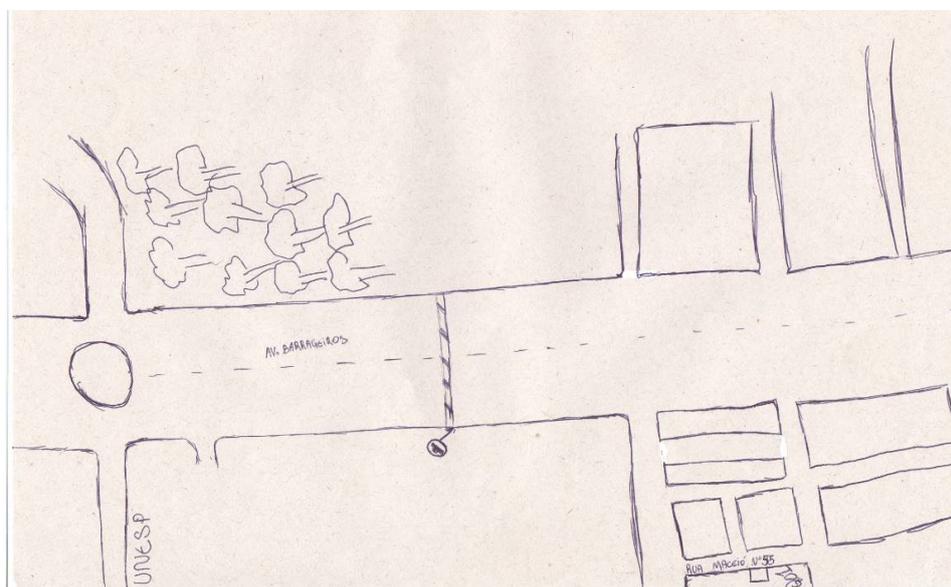


Figura 1 – Esboço do Caso 1



Figura 2 - Imagem do Google Earth sobre o trajeto do Caso 1

A situação do esboço representado no Caso 1 é diferente do esboço do Caso 2 mostrado na Figura 3, onde o discente soube manter a escala de modo mais coeso das quadras apesar de apresentar poucos símbolos.



Figura 3 – Esboço do Caso 02



Figura 4 - Imagem do Google Earth sobre o trajeto do caso 2

Como forma de enaltecer os resultados anteriormente citados, foi realizada a comparação do mapa mental de um mesmo discente em ambos os momentos.

Como dito anteriormente, num primeiro contato com o espaço, os discentes buscam símbolos para se localizar, perdendo a noção da coerência do traçado das ruas e quadras. No caso 3, mostrado na figura 5, é perceptível que há a falta de escala e elementos representativos, tornando-o básico, indicando apenas o caminho percorrido, sem arruamentos.

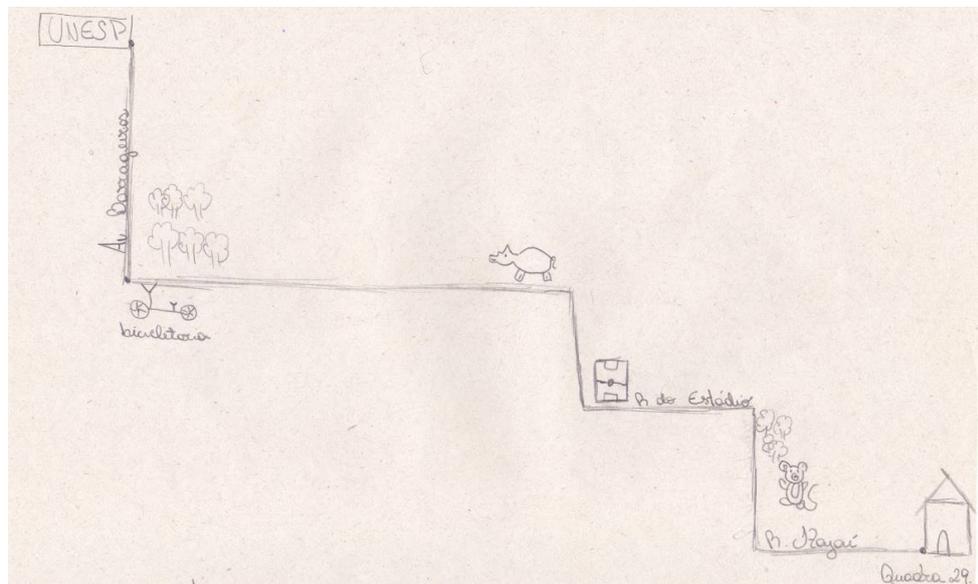


Figura 5 – Esboço do Caso 3



Figura 6 - Imagem do Google Earth para o Caso 3

Já num segundo momento, o mesmo discente do caso 3 apresenta maior número de elementos e traçados, sua percepção de escala das ruas e quadras é maior, apesar de sua dimensão a respeito do terreno da Universidade não condizer com a realidade. Houve alteração de endereço de um momento para outro.

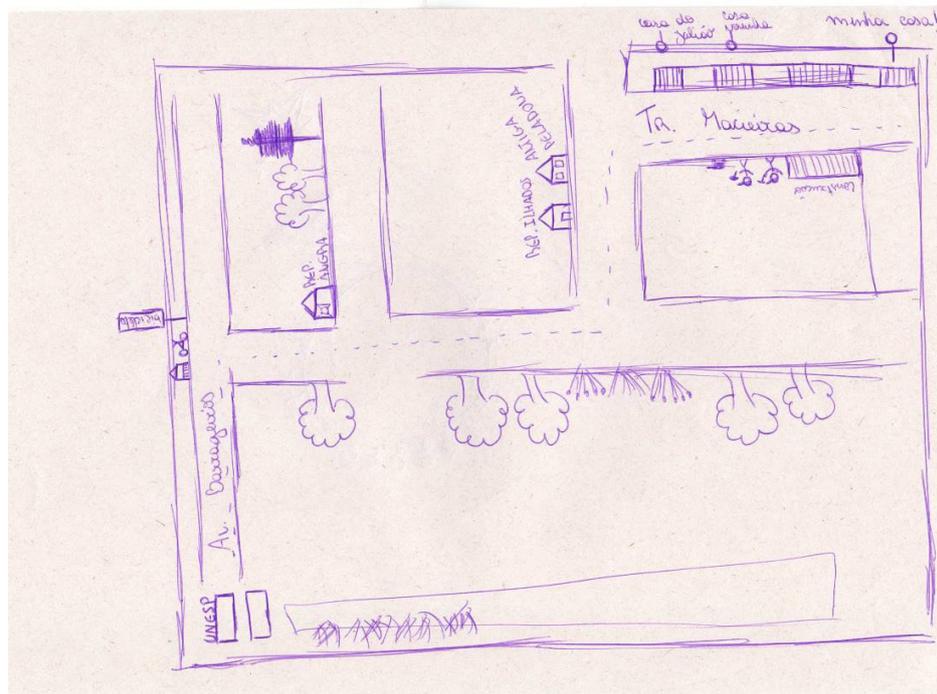


Figura 7 - Segundo esboço do caso 3

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade do homem de se localizar no espaço já vem desde a antiguidade. Com o avanço de tecnologias, essa localização tem se tornado algo além de um ponto geográfico, mas também um ponto carregado de memórias e objetos. Os mapas mentais surgem com a finalidade de apresentar uma nova maneira de localização no espaço, levando em consideração o todo, não apenas a geolocalização.

O presente trabalho nos permite analisar a percepção dos discentes em dois distintos momentos de seu contato com o espaço em que vivem em relação ao tempo de permanência na cidade. Através das discussões e análises realizada na confecção deste trabalho, apesar de não conclusivo, é possível compreender que os alunos em linhas ferias possuem uma boa orientação espacial, tendem a captar detalhes de lugares novos e traduzem em símbolos situações as quais a toponímia pode falhar. Tais características contribuem significativamente para o processo de elaboração de mapas e roteiro turísticos.

No primeiro contato, apesar da falta de coerência dos traçados representados, a percepção dos elementos em seu trajeto é maior, o olhar do turista no primeiro contato com o local tende a ser da mesma forma, é um olhar mais crítico e que busca mais informações a fim de se localizar no espaço através de pontos representativos.

No segundo momento, foi possível verificar que com o tempo a percepção do local é maior, pois nos mapas analisados os traçados estavam mais coerentes a realidade. Entretanto, pode-se concluir que com o “acomodar-se” no espaço tende a resultar na diminuição de símbolos representativos na localização, uma vez que na análise dos mapas foi possível reconhecer que os detalhes representados estão mais focados no contorno e nomes das ruas, do que nos símbolos utilizados como pontos de referência para os alunos, o que nos remete a ideia de que quanto mais tempo no local, menos aguçada é a nossa visão. A tendência é se nortear com mais detalhes num primeiro contato, e no segundo usar algumas referências que consideramos básicas no dia a dia.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, F. A.; SLUTER, R. C.; **Avaliação de símbolos pictóricos em mapas turísticos.** Universidade Federal do Paraná – Bol. Ciên. Geod., sec. Artigos, Curitiba, v.18, nº 2, p.242-261, abr-jun, 2012.

ARCHELA, R. S.; GRATÃO, L. H. B.; TROSTDORF, M. A. S. **O lugar dos mapas mentais na representação do lugar.** *Geografia* – Londrina, v. 13, nº1, jan/jun. 2004. Disponível em <<http://www.geo.uel.br/revista>>

GOMES, M. V. S.; PINHEIRO, J. Q. **Influência do gênero em mapas cognitivos do mundo universitários brasileiros.** Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

KOZEL, S. Comunicando e Representando: Mapas como construções socioculturais. In: Jorn Seemann. (Org). **A aventura cartográfica: perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

KOZEL, S. Mapas mentais – uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas IN: Kozel, S. Costa e Silva, J, Gil Filho, S, F. (orgs) **Da Percepção e cognição à representação: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista**. São Paulo: Terceira Margem, 2007

MACEACHREN, A. M.; GANTER, J. H. A pattern identification approach to cartographic visualization. **Cartographica**, v. 27, n. 2, p. 64-81. 1990.

MAGALHÃES FILHO, F. S.; OLIVEIRA, I. J. **A utilização de mapas mentais na percepção da paisagem cultural da cidade de Góias/GO**. Revista de Cultura e Turismo, ano 07 nº 03, Outubro 2013.

NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. **Mapa mental: recurso didático para o estudo do lugar** In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Geografia em Perspectiva. São Paulo: Contexto, 2002.

PETCHENIK, Bárbara Bartz. Cognição e cartografia. **Geocartografia**. n.6, São Paulo:USP, 1995.

PETERSON, M. P. **Interactive and animated cartography**. New Jersey: Prentice Hall, 1995.

ROCHA, H. F. M. **Modelagem e Simulação da informação urbana de caráter histórico**. Universidade Federal da Bahia, Brasil

SANTIL, F. L. De P. **Análise de percepção das variáveis visuais de acordo com as leis da getsalt para representação cartográfica**. Tese nº57 – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 22 de Fevereiro de 2008.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: Editora Universidade Estadual de Londrina (Eduel), 2012.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-391-0

